

O retrato de uma infância torpe: algumas normas de educação impostas às meninas Cora, Geni e Ponciá na escola e na ambiência familiar

Portrait of an awkward childhood: some educational standards imposed on girls Cora, Geni and Ponciá in school and family environment

*Omar da Silva Lima **

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

Resumo: O objetivo deste trabalho é mostrar como as escritoras Cora Coralina, Geni Guimarães e Conceição Evaristo retratam a educação familiar e escolar de suas protagonistas na fase infantil e na pré-adolescência. Os espaços e tempos são diferentes em cada obra, mas as ações perpassadas pelas meninas Cora, Geni e Ponciá são similares quanto ao sofrimento a que são submetidas. O *corpus* privilegia as seguintes obras: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* e *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, de Cora Coralina; *Leite do peito*, de Geni Guimarães e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. O tempo retratado pelas autoras nessas obras abarca, no caso de Cora Coralina, o final do século XIX enquanto as outras, a segunda metade do século XX. As análises transcendem o espaço da escola e adentram pela ambiência familiar, onde o reflexo da educação escolar recebida se faz presente e, muitas vezes, tem efeito catastrófico na infância das meninas e em seus comportamentos em relação aos outros em sua volta.

Palavras-chave: Cora Coralina. Conceição Evaristo. Geni Guimarães. Gênero. Normas de educação feminina.

Abstract: The aim of this work is to show how writers Cora Coralina, Geni Guimarães and Conceição Evaristo portray the family education and school of their protagonists in the infant stage and pre-teens. The spaces and times are different in each work, but the actions pervaded by girls Cora, Geni and Ponciá are similar to the suffering they are submitted. The *corpus* privileges the following works: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* and *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, by Cora Coralina; *Leite do peito*, by Geni Guimarães and *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo. The time portrayed by the authors in these works includes, in the case of Cora Coralina, the late nineteenth century while the others, the second half of the twentieth century. Analyses transcend space and step into the school family environment, where reflected school education received is present and often have catastrophic effect on childhood girls and their behavior towards others around you.

Keywords: Cora Coralina. Conceição Evaristo. Geni Guimarães. Gender. Norms of female education.

Introdução

As meninas Cora, Geni e Ponciá, apesar de estarem ambientadas em espaços diferentes, têm muito em comum, principalmente quanto ao sofrimento proveniente das normas de educação que elas receberam. Essas mocinhas viveram em uma sociedade patriarcal, cuja estrutura familiar era dominada pela figura do pai e na ausência deste, pela figura da mãe. No caso de Cora, foi criada sem a presença do pai porque seu progenitor morreu quando ela veio ao mundo. A mãe de Cora, dona Jacintha Luiza, a criou e às outras filhas com muita disciplina e pouca liberdade.

De acordo com Rachel Gutiérrez (1985, p. 23), “o patriarcado é o sistema cuja principal instituição, a família, se encarrega de perpetuar os valores da dominação e da opressão da mulher”. Nessa estrutura patriarcal, cabe às mulheres a reprodução desse modelo machista que as admite como seres inferiores e incapazes. Portanto, direta ou indiretamente, elas são responsáveis pela permanência do poder dos homens sobre suas vidas. Cora Coralina, Geni Guimarães e Conceição Evaristo deixam latentes, em seus textos, a prática dessa manutenção dos princípios norteadores da sociedade patriarcal, ao relatarem, cada uma a seu modo, as normas rígidas de educação aplicadas às crianças, principalmente às meninas, tanto no espaço privado quanto no público.

Sob o mesmo modelo tradicional, com algumas modificações naturalmente sofridas com o passar dos tempos, em que a menina Cora fora criada também viveram as famílias de Ponciá, no romance *Ponciá Vicêncio*, e de Geni, em *Leite do peito*. Trata-se de famílias negras. O pai de Ponciá, apesar de exercer o papel de responsável pelo sustento do lar, tem o poder, em casa, dividido com a mãe e, ainda, é fragilizado por ela – “O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam.” (PV¹, p. 24) – para não contrariá-la, mas sem perder o respeito dos familiares.

De forma diferente, o pai de Geni detém o controle e também o respeito por parte de seus familiares enquanto sua mãe realiza as atividades domésticas e coordena as atividades de higiene, inclusive do marido – “ – Coma primeiro, depois toma banho – pediu minha mãe [ao pai]. – O pessoal tá morrendo de fome. [...] Todos se sentaram à mesa e como meu pai gostava de sentir o cheiro dos alimentos antes de comê-los, destampou as panelas.” (LP², p. 79).

Em todas as famílias abordadas aqui, embora com variações, as mulheres assumem o poder no espaço privado, onde estão confinadas. Este poder se resume, praticamente, no

¹ PV = *Ponciá Vicêncio*.

² LP = *Leite do peito*.

exercício da maternidade e de afazeres domésticos.

De acordo com Rose Marie Muraro (2002, p. 245),

É na família nuclear patriarcal que se origina a reprodução do cuidado materno apenas pela mãe. As mães cuidam dos filhos e das filhas com conseqüências diferentes para uns e para outras. As meninas vão aprender com ela o seu papel de mãe os meninos se separam dela, criando identidade masculina, reconhecendo-se no pai de quem tem medo.

Em contexto similar, Maria Vicêncio e Bastiana, as mães das protagonistas Ponciá e Geni, respectivamente, são zelosas e dedicadas com seus filhos. No caso da primeira, ela tem apenas dois filhos: Ponciá a auxilia nos afazeres domésticos e na produção do artesanato com a argila, enquanto que Luandi acompanha o pai na lavoura alheia. Apesar do distanciamento entre eles, mãe e filho não perdem o vínculo maternal pautado no amor. De forma parecida, a segunda mãe cuidava exemplarmente de sua prole de 12 filhos, que moram com ela num ambiente saudável, onde o amor maternal e fraternal faz moradia fixa.

Por outro lado, os dois pais permanecem a maior parte do tempo fora de casa, no trabalho, o que vem reforçar o espaço público como lugar reservado ao homem. Apesar das dificuldades geradas pela pobreza e pelo preconceito racial por serem negros, essas famílias, marcadas pelas carências e sofrimentos, conseguem superá-los e mesmo transformá-los por meio do amor que existe entre eles e os ajudam a vencer os obstáculos cotidianos. Por sua vez, Cora não recebe os cuidados da mãe, pois esta ficou com depressão pós-parto devido ao falecimento do marido, pai de Cora, quando a menina nascera. Quem criou Cora foi a tia avó Dindinha.

Ponciá e Geni têm em comum, além das famílias formadas sob os velhos moldes da nossa sociedade de base patriarcal, o nascimento e a criação em zona rural. Apesar de terem tido uma infância saudável em contato com a natureza cujos elementos muitas vezes interagem com elas e ainda a presença do pai, mãe e irmãos vivendo em um mesmo teto, nem por isso deixam de ter conflitos, como qualquer criança, entretanto pontuados pelo amor de seus familiares.

Cora foi criada em uma cidade pequena no interior do estado de Goiás, também em contato com a natureza, pois frequentava uma fazenda de nome Paraíso, de propriedade de um tio avô, mas ao contrário das outras meninas, o ambiente em que viveu foi marcado pela hostilidade e a desvalorização da criança.

1 No tempo em que criança não valia nada

Na obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, Cora faz um traçado topográfico de sua cidade, Villa Boa de Goyaz, nos idos do final do século XIX e conduz o leitor, por intermédio de um roteiro turístico lírico, a cada espaço da vivência dela, seja ele público (a escola da Mestra Silvina, a Igreja, os becos e os monumentos) ou privado (predominantemente a casa da poetisa com seus mistérios seculares). Já em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, ela privilegia aspectos humanos, relatando situações cotidianas tanto dela e seus familiares como dos outros moradores de sua cidade.

A visão que a poetisa Cora Coralina nos passa da infância de sua época é muito negativa, pois, segundo ela, “Entre os adultos, antigamente, a criança não passava/de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda, porque nem mesmo tinha o valor de incomodar”³. Sendo a criança “um pequeno brinquedo”, era de fácil manipulação pelo adulto, pois se trata de um período em que meninos ou meninas eram sujeitados às atitudes consideradas naturais, como o silêncio e a quietude tanto em casa quanto na escola.

No poema “Minha Infância (Freudiana)” (PBGEM)⁴, de cunho autobiográfico, a poetisa retrata aspectos de uma infância sem liberdade e sem amor. O poema, em tom narrativo, em que o eu lírico assume o papel de narrador autodiegético, é elaborado com trechos indicativos de diálogo por meio de aspas e travessões. Compõe-se de 131 versos de ritmo predominantemente lento, marcados por vírgulas, pontos ou reticências que aumentam as pausas, obrigando o leitor a refletir sobre as palavras ou sintagmas em destaque como em:

Contenção... motivação... Comportamento estreito
Limitado, estreitando exuberâncias,
pisando sensibilidades.
A gesta dentro de mim...
Um mundo heróico, sublimado,
superposto, insuspeitado,
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,
acrimoniosa repisava:
“– Menina inzoneira!”
O sinapismo do ablativo
queimava.

³ Versos do poema “Criança” pertencentes ao livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*.

⁴ PBGEM = *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

O poema, de forma panorâmica, faz um recorte da infância amargurada da poetisa. A questão aqui não se trata de abordar até que ponto o eu empírico interfere no eu lírico, mas de analisar o modo pelo qual a menina recebia educação naquele fim de século.

Através dos versos de 1 a 5, do poema em estudo, percebe-se que Cora não foi uma filha desejada. Tendo seu nascimento coincidido com a morte do pai, resultou numa criança reprimida, triste e nervosa. Sendo frágil “caía à toa” (verso 24), carregava em si a imagem do pai doente: “– Essa menina é o retrato vivo/do velho pai doente”, para completar foi adjetivada pejorativamente de “moleirona”, “pandorga” e “perna-mole” devido à falta de firmeza nas pernas e de atributos físicos. Cora explora a repetição dessas palavras ou expressões em versos diferentes do poema “Minha Infância (Freudiana)”, como uma forma de figurar os elementos da infância que se transformaram em marcas indeléveis em sua vida. A poetisa usa o mesmo procedimento nas outras obras, com as mesmas palavras ou sinônimos.

O fato de ser ignorada por todos, exceto pela “Vó Dindinha, que era mais apegada à sobrinha-neta”⁵ não coibiu Cora de ser uma criança normal e sonhadora. Nem mesmo tendo uma vida regrada, deixou de se divertir. Os versos 42 a 49 mostram o poder imaginativo da poetisa ao improvisar seus brinquedos, mas sua evasão em “viagens infundáveis” e por um “mundo imaginário” foi motivo de preocupação e chacota pela casa: “menina inzoneira!”.

Considerada “Companhia indesejável” pelas irmãs, “era de ver as arrelias/e as tramas que faziam/para saírem juntas” e deixarem Cora sozinha, em casa. A rua era proibida às meninas de seu tempo. Implicitamente, essa proibição não passava do medo que os adultos tinham da criança, principalmente menina, ser contaminada pelo “mundo sugestivo de maravilhosas descobertas”, o que interferiria, negativamente, na educação dada a ela, que valorizavam a castidade como um dos requisitos para um matrimônio bem sucedido. Para a poetisa restava a “quietude sepulcral da casa”, ambiente castrador que exigia dela um “Comportamento estreito/limitado”. Mantida em “prisão domiciliar”, só podia ser vítima de doenças ocasionadas pela falta de luz solar e exercícios físicos, pois “era triste, nervosa e feia./Chorona./Amarela de rosto empalamado,/de pernas moles, caindo à toa”.

Os versos de 94 a 100 mostram uma revolta muda, surda e impotente da menina Cora, como velam os adjetivos ou expressões – “desejo obscuro”, “amargo”, “anárquico” – e verbos em gradação semântica – “esconder”, “sumir”, “desaparecer”. Colaborando ainda mais para essa situação a frase do tio: “Esta filha de minha sobrinha é idiota./Melhor fora não ter nascido!”. A consequência dessa opressão na vida da criança Cora foi, “sem luta”, a

⁵ Vó Dindinha não é citada nesse poema, mas por Vicência Brêtas Tahan na biografia *Cora coragem, Cora poesia* (p. 14).

acomodação “na mediocridade” de seu destino.

Cora foi do tempo da palmatória⁶ e, no poema “Menina mal amada”, escreveu sobre o episódio da punição lhe dada, exemplarmente, pela Mestra Silvina através desse instrumento detestado e temido pelos alunos. O motivo do castigo foi que gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo”:

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!
A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,
nem respirava, intimidada.
Tensa, espectante (sic), repassada.
Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.
Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,
O cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
e o bolo estralou na pequena mão obediente.
Meu berro! e a mijada incontinente, irreprimida.
Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.
___ Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,
E, receosa de piores consequências, me mandou pra casa, toda mijada,
Sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo. (VCMCA)⁷

Essa forma violenta e humilhante da professora se impor perante a turma era legitimada inclusive pelos familiares da criança. Eles julgavam aquela atitude a mais correta e delineadora do bom caráter para tornar essa criança num adulto perfeito. No caso da menina Cora, uma pessoa sabedora de seu lugar na sociedade, ou seja, obediente e prestativa quando solicitada.

2 A infância com sabor doce e amargo do *Leite do peito*

Em *Leite do peito*, Geni Guimarães nos apresenta sua autobiografia de forma linear em 11 contos, narrados em 1ª pessoa, com exceção do conto 9, “Coisas de Deus”, narrado em 3ª pessoa. A protagonista Geni, que nasceu e viveu até a adolescência numa colônia

⁶ Segundo o *Dicionário da língua portuguesa*, elaborado por Antenor Nascentes, palmatória é um “instrumento de madeira formado por uma peça circular com orifícios dispostos em cruz e por um cabo, utilizado antigamente nas escolas para castigar as crianças, batendo-lhes com ele na palma da mão”. (p. 462).

⁷ VCMCA = *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*.

rural, é uma menina negra inteligente, imaginativa e detentora de uma compaixão tocante. Esta menina percebeu, desde cedo, o peso de sua cor e de sua classe social, principalmente no espaço da escola. É nessa ambiência, pelo convívio com diferentes pessoas, tanto adultos quanto crianças brancas e negras, que Geni enxerga mais nitidamente o constatado ainda menininha: sua cor negra fazia dela uma pessoa diferente na visão dos outros.

Toda criança é, por natureza, curiosa. Geni, na idade dos porquês e já conhecedora de que a sua cor a tornava diferente das outras pessoas, mesmo dentro do espaço familiar, se percebe sozinha principalmente depois da chegada do irmão caçula. Sua solidão a transforma num ser introspectivo, o que dificulta a exteriorização real de seus sentimentos, como se verifica no segundo conto de *Leite do peito*.

Os dois contos que se seguem nessa leitura – “Fim dos meus natais de macarronadas” e “Tempos escolares” – focalizam os primeiros contatos da menina negra com a sociedade branca racista, representada em duas mulheres: a possível esposa de um político e a professora, e na projeção desse preconceito na própria mãe, como se constatará a seguir.

No segundo conto do livro, “Fim dos meus natais de macarronadas”, Geni Guimarães relata um acontecimento que marcará muito a experiência de vida da protagonista de *Leite do peito*. Era costume na casa de Geni, na época natalina, um grande banquete – “O que esperávamos mesmo ansiosos era a macarronada, as roscas doces, a leitoa, a galinha gorda e o guaraná” (LP, p. 27) -, porque nem sabiam da existência de Papai Noel com presentes. Entretanto, “[em] um dia, num ano político, acredito eu, avisaram que não sei quem podre de rico ia distribuir brinquedos para a criançada da colônia. Ficamos eufóricos. Natal com macarronada, leitoa, guaraná e ainda brinquedos...” (LP, p. 28). A mãe de Geni prepara seus filhos – Geni, Cema (menina deficiente mental) e o caçula Zezinho – e encaminha-os para a casa grande sob os cuidados de Geni, para receberem os presentes – “Eu tinha que proteger a Cema e não me esquecer do Zezinho.” (LP, p. 29)-. Além de enfrentarem uma longa espera sob “o sol ardendo na cabeça”, tinha que apoiar a Cema, que estava “chorando, urinando nas pernas” porque a garotada estava “vaiando o despudor dela.” (LP, p. 29). Finalmente, chega o caminhão e desce dele “um senhor gordo, roupas e gorro velhos” e “uma senhora, andando no ar nos saltos dos sapatos [...] e muitos anéis ornamentando os dedos, longos, brancos.” (LP, p. 29). A madame, antes de entregar os presentes para a garotada, sempre “alisava as cabecinhas suadas, fazia uma forcinha, rasgava” e dava “um beijo nas bochechas” delas (LP, p. 30). No entanto, quando chegou a vez da Cema receber seus presente, ela “parou e olhou na carinha negra e boba da [menina]. Fitou-a com nojo, medo, repúdio [...]”. Ela se afastou e “quase jogou o pacote na cara da Cema. Virou-se apressadamente, sem ao menos o riso fabricado. Sem ao menos atirar-lhe o beijo hipócrita, frio, triste.” (LP, p. 30).

Esta situação fere muito Geni. No fundo sabia que a atitude da madame era devido ao preconceito racial e, pior ainda, preconceito por Cema ser deficiente mental. A menina sente reações diversas – “Senti, então, uma enorme dor de cabeça, vontade de urinar ali mesmo sobre a terra ardente e os bicos dos sapatos dela.” (LP, p. 30) – e só no “dia seguinte, na hora do almoço, fraca e vazia” (LP, p. 31), vomita. O resultado dessa experiência, sentida na alma e somatizada por Geni, significou, também, a morte de “todos os [...] natais de macarronada” (LP, p. 31), além da morte da crença nos gratuitos gestos de bondade de estranhos. Tal fato simbolizou o amadurecimento que ela vai adquirindo enquanto negra e convivendo em uma sociedade de brancos hipócritas e oportunistas – a visita da madame foi “num ano político” – que discrimina aqueles que não estão enquadrados nos seus padrões de beleza, cor, saúde ou condições sócio-econômicas, cujo modelo é o eurocêntrico.

A menina Geni, no espaço da escola, se defronta mais diretamente com o preconceito racial. No quinto conto, “Tempos escolares”, ao preparar Geni para a ida à escola, a mãe dela recomenda-lhe:

- Amanhã, seu cabelo já está pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça que não desmancha. Não esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho, antes de sair.
- Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.
- Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.
- Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até mocô no nariz e...
- Mas a Janete é branca – respondeu-me minha mãe, antes que eu completasse a frase. (LP, p. 45).

Geni quer ser igual às outras meninas, porém, o que aprende com a mãe é que há uma exigência em relação ao negro quanto a atitude e a aparência. A menina percebe a cor branca como aquela privilegiada. Janete, por ser branca, pode ir à escola de remela no olho e até “mocô no nariz”, ela tinha que se mostrar superior a isso, pois é negra e tal desleixo higiênico poderia lhe trazer aborrecimentos. É no lar que a criança negra aprende, muitas vezes, a se sentir inferior à criança branca. A mãe de Geni, tão sofrida devido às adversidades da vida por causa da sua cor e ainda sem instrução formal tenta, não por mal, mas por amor à filha mostrar-lhe que, para o negro ser aceito socialmente no espaço público, tem que estar limpo, pois sua cor sempre representará algo que lembre sujeira aos olhos dos brancos.

Tal atitude da mãe de Geni mostra a naturalização da opressão na ambiência

daquela família negra. Geni, uma menina negra, vai frequentar o mesmo espaço que outra criança branca e isto é uma forma de empoderamento⁸ por parte dela e familiares, pois a aquisição da leitura e da escrita, outrora, era privilégio apenas dos brancos, mas ao incutir na menina que ela é inferior à Janete, porque essa é branca, a mãe ratifica a força do preconceito racial que consegue neutralizar uma possível iniciativa da mãe de Geni em tentar reverter sua própria atitude de subserviência e mostrar à filha que ela pode ir além porque tem os mesmos direitos, enquanto cidadã, que a menina branca tem em ocupar aquele espaço público.

Dentre várias situações de preconceito racial sofridas pela menina Geni no espaço da escola, destaco a do beijo na professora, no mesmo conto “Tempos escolares”. Diva, colega de Geni, avisa que vai “dar um beijo na professora na saída.” (LP, p. 49) e suas irmãs, Arminda e Iraci, também afirmam que beijarão suas professoras e insistem para que Geni beije a sua, dona Odete, na saída. Essa situação deixa a protagonista desesperada, principalmente porque na dúvida se beija ou não a professora, esqueceu de fazer a tarefa e foi advertida, duramente, por Dona Odete. Porém, no final da aula, cumpre com a tarefa do beijo, mesmo depois de chorar muito por causa do chamamento de atenção pela professora.

Novamente, um beijo coloca Geni em confronto direto com o preconceito, antes sua irmã Cema não fora beijada pela madame por estar com o rosto suado, cheio de lágrimas e catarro. Dessa vez, Geni, ao beijar o rosto da professora branca, deixa-o lambuzado. A menina estava gripada e tinha o nariz eliminando excreções que se misturaram ao seu choro. Depois de ter caminhado em direção à porta, Geni olha para trás e vê que a professora “Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira [que ela], inadvertidamente, havia deixado em seu rosto.” (LP, p. 52). Para uma criança, o mais importante é o afeto demonstrado e a atitude da professora limpando o rosto representou para Geni, naquele momento, a recusa do beijo por ser uma menina negra.

No processo de crescimento dessa menina, agora consciente de seu lugar no meio público, ela aprende a se fechar cada vez mais, aumenta a introspecção da infância, agora com outras razões, mais consciente. Ao retornar para casa, sua mãe, preocupada com a demora dela, questiona seu atraso e, então, Geni começa a chorar. A mãe a pega no colo e limpa suas lágrimas. Por sua vez, Geni tenta camuflar sua “dor sem nome”: “___ Tou chorando porque tou com fome.” (LP, p. 53). Esta atitude da Geni em sufocar a verdadeira dor que sentia é indício de que, provavelmente, agirá de maneira similar em situações de discriminações raciais *a posteriori*. Porém, ela tem a certeza de que a mãe estaria ali para confortá-la – “Ela pegou-me no colo e com a ponta do avental limpou meu rosto melado de lágrima.” (LP, p. 53) – nesses momentos amargurados. No entanto, esta “dor sem nome” da menina Geni é o processo de silenciamento que afeta os afrodescendentes.

⁸ Termo que vem do inglês *empowerment* e recorrente em textos feministas.

Emparedados/as⁹ num ambiente social excludente e hostil, o negro e a negra, muitas vezes, têm a voz silenciada e por mais que tentem se fazer ouvir, essa voz não ecoa; é abafada nesse meio.

3 A temerosa travessia pelo angorô¹⁰

No romance *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo apresenta ao leitor a personagem emblemática que dá nome ao livro. Na infância, Ponciá aprende a fazer artesanato com o barro e desde menininha tem atitudes e gestos que lembram o avô paterno, que enlouqueceu após ver alguns filhos seus serem vendidos como escravos e depois de ter assassinado sua esposa e tentado se matar, decepando um antebraço.

Como se sabe, nada é gratuito num texto, seja ele narrativo ou poético. Portanto, não é ingênuo o primeiro capítulo da obra em questão fazer referências ao arco-íris, pois este tem um grande significado na vida de Ponciá, uma personagem densa e complexa. Dessa forma, o narrador já nos põe em contato com a personagem-título, nas primeiras linhas do 1º capítulo, interagindo com o angorô:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava debaixo do angorô. [...] Conseguira enganar o arco e não virara menino. (PV, p. 9)

O *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, possibilitou contextualizar esse elemento com a vida de Ponciá. Segundo os autores, “o arco-íris é geralmente anunciador de felizes acontecimentos ligados à renovação cíclica” e, também, “pode igualmente preludir perturbações na harmonia do universo e, até mesmo, assumir

⁹ Escrita que delimita marcas de gênero.

¹⁰ Angorô – arco-íris.

uma significação inspiradora de temor” (p. 78). Portanto, o angorô simboliza todas essas possibilidades como mudanças e perturbações na vida adulta e o temor que a menina Ponciá Vicêncio tivera durante toda a sua infância, pois lhe diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino.

Sigmund Freud (s/d, p. 131) atribui à mulher o complexo de castração denominado de “inveja do pênis”. Este se inicia a partir do momento em que a menina vê o órgão genital do sexo oposto e constata-se um ser castrado. Tal descoberta é prejudicial porque “deixará traços duradouros na sua evolução e na formação de seu caráter e que nem mesmo nos casos mais favoráveis será dominada sem grave esforço psíquico”. No entanto, a menina Ponciá foge destes ditames de Freud porque, ao contrário, ela não deseja ser menino. O medo de se transformar em menino é porque Ponciá “gostava de ser menina” e passava a maior parte do tempo se divertindo junto à natureza, como, por exemplo, em companhia das “bonecas de milho ainda no pé” (PV, p. 9).

Ao travar amizade com “uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu” – na verdade, uma boneca de milho – revela à mãe que “Sorriu para a mulher, que lhe correspondeu o sorriso”. Talvez pareça estranha tal atitude, mas não é na imaginação de uma criança, mesmo tendo escutado a ordem ao pai “que cortasse o milharal”. (PV, p. 10). A mãe de Ponciá ignora o fato que as crianças em geral são dadas a fantasiar a realidade para suprir suas necessidades psíquicas e emocionais. No caso de Ponciá, o único irmão com quem poderia brincar, desde pequenino, acompanha o pai na lavoura. Logo, a solidão fortalece ainda mais o lado criativo e imagético da menina, que constrói um mundo infantil particular, onde é possível ser amiga das “bonecas de milho ainda no pé” e visualizar a pavorosa “cobra celeste” em seus passeios pela margem do rio em busca da argila. Tudo tão real como as coisas concretas em sua volta.

Dentre os dados que colocam a personagem-título em similaridade com a situação real de muitos afrodescendentes sem recursos que vivem nas periferias das cidades grandes ou pequenas vilas no interior do país está a sua educação formal, recebida de missionários que montaram escola na Vila Vicêncio. Ponciá aprendera com sucesso “o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar”, porém, quando começou a formar as sílabas e já “formando as palavras, a missão acabou.” (PV, p. 25). Por que justo no momento em que Ponciá estava quase concluindo o processo de alfabetização, a missão acabou? Tal situação leva a pensar que o fim da missão em *Ponciá Vicêncio*, representa a negativa tradicional do acesso do negro, principalmente da mulher negra, ao mundo intelectual.

Seria mesmo este o objetivo dos missionários ou os interesses escusos dos senhores de terra com medo de perderem a mão-de-obra barata que colaboraram para o fim da escolarização daquelas crianças negras? Talvez, para os responsáveis pela implantação desse programa de alfabetização, fosse suficiente ensinar às crianças até a formação de

palavras, que no caso de Ponciá se consolidou, pensando que seriam desnecessários maiores ensinamentos para aquelas crianças negras e pobres cujo horizonte, na visão dos senhores não ultrapassaria o território da Vila.

Essa forma preconceituosa de enxergar o negro – limitando-o no espaço público -, que povoa o subconsciente da sociedade racista brasileira, pode justificar o término da missão. A tentativa de impedir a aquisição do conhecimento letrado a partir do acesso à educação formal pelo negro e pela negra é uma questão histórica cujas raízes estão em seu passado escravocrata. Negro escravizado, no geral, tinha que trabalhar na lavoura e esta atividade, como se sabe, não requeria conhecimento da escrita por parte daquele que a executava; bastava este possuir força física, transformavam o homem negro em uma besta de carga. Para a negra escrava ainda era pior: suas funções, incluindo trabalhar na lavoura, poderiam ser a de servir a sua senhora na cozinha e na sala e ao seu senhor na cama, além de mãe-de-leite dos filhos de seus donos, atribuições estas que dispensavam o domínio da escrita.

É lamentável que a condição primeira de escravo no Brasil ainda ressoe negativamente no destino da grande maioria dos afrodescendentes, apesar da intervenção de algumas ações afirmativas idealizadas por movimentos negros e concretizadas por leis governamentais como a Lei Afonso Arinos, o uso de cotas para negros nas universidades, a Lei 10.639/2003, a qual torna obrigatório o ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira” no Ensino Fundamental e Médio, por exemplo.

À medida que o tempo passava e a menina crescia, algo a incomodava: o seu nome. Com a aquisição da escrita e da leitura, esta por esforço próprio, “foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá”, pois esse acento era “como se estivesse lançado sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo.” (PV, p. 27). Porém, Ponciá sabia que o sobrenome viera desde antes do avô de seu avô e pertencia à família do Coronel Vicêncio, dono de seus ancestrais escravizados na época. Talvez, aí, esteja o motivo de o acento agudo significar “uma lâmina a torturar-lhe o corpo”, pois traz consigo as marcas de um passado de dissabores, e, mesmo com a libertação dos escravos, seu nome e ancestralidade ainda a prendiam à escravidão, tendo no sobrenome Vicêncio a simbologia desse pertencimento, o que lhe roubava a identidade étnica, a qual Ponciá continuará buscando formar na fase adulta.

Conclusão

A infância da menina Cora foi marcada pela sua exclusão do mundo adulto. As reminiscências da poetisa Cora Coralina trazem à tona o retrato de uma infância torpe do

final do século XIX, em Goiás, caracterizada pela falta de respeito com a criança tanto no lar quanto na escola. De acordo com a escritora, trata-se de um tempo em que “criança não valia nada” e por isso mesmo, era submetida a situações humilhantes, a castigos corporais, além da privação das manifestações de seus desejos mais naturais.

Geni e Ponciá foram educadas formalmente de maneiras diferentes, enquanto a primeira frequentou os bancos de uma escola criada na colônia onde vivia; a segunda contou com a benevolência de um grupo missionário, o qual não concluiu com a missão de alfabetizar as crianças negras que viviam na Vila Vicêncio, evidenciando, assim, o preconceito racial arraigado nos senhores brancos descendentes dos coronéis donos das fazendas e proprietários de negros e negras escravizados antes da abolição da escravatura.

As três meninas abordadas neste trabalho pertencem a classes sociais diferentes. Cora, uma menina branca, era de família de classe média; Geni e Ponciá, meninas negras e pobres, tiveram uma infância marcada por dificuldades devido ao dinheiro escasso e ao preconceito racial. Entretanto, elas têm em comum o sofrimento inerente à formação e transformação da menina-moça, independente de classe social, econômica e etnia.

Referências

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 17. ed. São Paulo: Global, 1993.

_____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 4. ed. Goiânia: Editora Universidade Federal de Goiás, 1987.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FREUD, Sigmund. A feminidade. Tradução de Odilon Gallotti, Isaac Izecksohn e Gladstone Parente. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta, [s.d]. p. 117 – 141.

GUIMARÃES, Geni. *Leite do peito: contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

GUTIÉRREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo*. Rio de Janeiro: Antares; São Paulo: Nobel,

1985.

TAHAN, Vicência Brêtas. *Cora coragem, Cora poesia*. São Paulo: Global, 2002.

*Recebido em 17 junho de 2013.
Aceito em 19 de novembro de 2013.*

OMAR DA SILVA LIMA

Doutor em Literatura (Literatura e Práticas Sociais) pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sob a supervisão do Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte. Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa do Ensino Fundamental e Médio da SEEDF e da SEEGO. omasl@hotmail.com.